**Caso expõe risco de política externa independente**

*Sergio Leo*

A ameaça do governo americano de bloquear a venda de armamentos à Turquia devido às políticas turcas para o Irã e Israel mostra, para importantes integrantes do governo brasileiro, as dificuldades de manter políticas independentes entre aliados dos EUA. Para uma autoridade próxima ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a notícia mostra a dificuldade do Executivo americano de sustentar compromissos com aliados que tenham políticas externas independentes. Turquia, aliada dos EUA na Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), nem sequer representa qualquer ameaça aos EUA, comentou a autoridade.

Não há registro, porém, de que ameaça semelhante tenha sido feita ao Brasil, aliado da Turquia na defesa de mais negociações com o Irã antes da aplicação de sanções por parte das Nações Unidas. Como a Turquia, o Brasil também defende que se dê crédito às afirmações do governo iraniano de que seu programa nuclear não tem fins militares, ao contrário do que acusa o Conselho de Segurança das Nações Unidas.

A embaixada dos EUA em Brasília não confirmou a ameaça à Turquia, transmitida ao "Financial Times" por um assessor do presidente Barack Obama. Consultada sobre o assunto, a embaixada, por intermédio de um porta-voz, informou que os EUA ainda buscam uma solução diplomática para o descumprimento das obrigações internacionais do Irã em relação a seu programa nuclear. "Os custos de fazer negócios no Irã e com o Irã estão crescendo", nota a embaixada.

O governo dos EUA argumenta que a continuidade do enriquecimento de urânio a 20% no Irã é injustificável. Já os iranianos dizem enriquecer apenas o necessário para o uso pacífico, em medicina e geração de energia.

Para o governo americano, as maiores expectativas de solução diplomática estão nas conversas entre Teerã e a representante diplomática da União Europeia, Catherine Ashton, para iniciar negociações. Os representantes dos EUA dizem que o governo Obama se dispõe a negociar com o Irã a qualquer momento, no contexto das discussões com o grupo conhecido como P5+1, que reúne os cinco membros do Conselho de Segurança das Nações Unidas e a Alemanha.

Para autoridades brasileiras, porém, a ameaça à Turquia reforça os argumentos do ministro da Defesa, Nélson Jobim, ao justificar a rejeição da oferta da Boeing, americana, para fornecer aviões-caça às Forças Aéreas Brasileiras. Jobim não aceitou nem as garantias de autoridades do governo Obama, de que não haveria dificuldades no Congresso para transferência de tecnologia ao Brasil, caso os caças da Boeing fossem os escolhidos. O caso turco mostra que essas garantias podem ser afetadas por decisões que desagradem os EUA, argumentam autoridades brasileiras.

Jobim repete, ao ser lembrado da promessa de Obama, o caso da venda de aviões Supertucano à Venezuela vetada no governo Bush, que negou o repasse, ao governo Hugo Chávez, da tecnologia americana embarcada nos jatos brasileiros. A decisão foi considerada um equívoco pela administração Obama. Não há, porém, planos no Brasil de compra de equipamento militar sensível no futuro próximo, argumentam autoridades brasileiras.

**Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 17 ago. 2010, Primeiro Caderno, p. A8.**